

## A admiração filosófica pelo suicídio em Montaigne Montaigne's philosophical admiration for suicide

ANA PAULA MANOEL FELIPE<sup>1</sup>

**Resumo:** Este texto visa apresentar as ideias de Montaigne acerca do suicídio no ensaio 3 do livro II de *Os Ensaios*. O texto aborda a relevante influência de Sêneca e faz relações com argumentos usados por Schopenhauer em favor da morte voluntária. Montaigne se ocupa em refletir e analisar argumentos a favor e contra o suicídio, em determinados casos expressa uma certa admiração filosófica inspirada pela morte voluntária, ao mesmo tempo sugere que existem casos em que motivações levianas resultam em mortes vãs. De acordo com isso, a morte não é encarada absolutamente como um mal que deve ser evitado a todo custo, pois o suicídio pode ser considerado uma libertação dos males que a existência impõe ao ser humano dos quais ele não está mais disposto a suportar. Por fim, defendendo que por mais que Montaigne não concorde com a morte voluntária por motivações levianas, penso que o autor é um defensor da liberdade individual de cometer suicídio.

**Palavras-chave:** Suicídio. Libertação. Punição. Morte. Servidão.

**Abstract:** This text aims to present Montaigne's ideas about suicide in essay 3 of book II of *The Essays*. The text addresses the relevant influence of Seneca and makes connections with arguments used by Schopenhauer in favor of voluntary death. Montaigne reflects and analyzes arguments for and against suicide, at times expressing a certain philosophical admiration inspired by voluntary death, while also suggesting that there are cases where frivolous motivations result in vain deaths. According to this, death is not viewed absolutely as an evil that must be avoided at all costs, as the suicide can be considered a liberation from the evils that existence imposes on human beings that they are no longer willing to endure. Finally, I argue that even though Montaigne does not agree with voluntary death for frivolous motivations, I believe that the author is a defender of individual freedom to commit suicide.

**Keywords:** Suicide. Liberation. Punishment. Death. Bondage.

### Introdução

Em *O Mito de Sísifo*, Camus declara que “só há um problema filosófico verdadeiramente sério: o suicídio” (2019, p. 17), pois determinar se a vida vale a pena ser vivida responde à pergunta fundamental da filosofia. Montaigne se aproxima da resposta a essa pergunta no ensaio 3 do livro II de *Os Ensaios*, onde apresenta o

---

<sup>1</sup> Graduanda em Filosofia na Universidade Estadual de Londrina. Membro do Projeto de Pesquisa Suicídio e valor da vida em Montaigne e Schopenhauer. E-mail: ana.paula.manoel@uel.br

suicídio como tema principal e demonstra uma certa admiração filosófica inspirada pela morte voluntária. É possível notar uma grande influência de Sêneca e certas semelhanças com argumentos usados por Schopenhauer em favor do suicídio. O presente texto tem a intenção de apresentar os argumentos usados por Montaigne no ensaio intitulado “Costume da ilha de Céos” tendo em mente também, importantes contribuições sobre a morte feitas no ensaio 20 do livro I intitulado “Que filosofar é aprender a morrer”. Por mais que diversos ensaios de Montaigne ostentem títulos que muitas vezes não condizem adequadamente com seu conteúdo, o ensaio em questão leva esse nome por conta da Ilha de Céos, que faz parte de um arquipélago do Mar Egeu, localizado na Grécia. Nessa ilha, era costume os anciãos darem-se morte voluntariamente, o magistrado inclusive oferecia publicamente a cicuta àqueles que podiam defender razões sólidas para abandonar a vida.

### **A chave para a libertação dos males**

Montaigne inicia o ensaio fazendo uma apologia à dúvida, se filosofar é duvidar, é isso que ele se propõe a fazer. Em seguida relata o exemplo de Filipe que tendo entrado à mão armada no Peloponeso, alguém disse que os lacedemônios teriam muito a sofrer se não entregassem à sua graça, mas a resposta que recebeu foi a seguinte: “o que podem sofrer os que não temem a morte?” (MONTAIGNE, 2006, p. 29). É citado também o que perguntaram a Ágis sobre como um homem poderia viver livre e a resposta foi: “desprezando a morte”. Montaigne destaca que esses exemplos e muitos outros semelhantes significam alguma coisa mais do que esperar pacientemente a morte enquanto ela vem até nós, pois “há na vida muitos infortúnios piores que de suportar que a própria morte (MONTAIGNE, 2006, p. 30).

Os exemplos continuam ao longo do texto, sendo possível compreender, por meio deles, o suicídio como forma de liberdade. Montaigne apresenta o exemplo de um menino lacedemônio que ao ser preso e vendido como servo afirma “verás quem compraste; a mim seria vergonhoso servir, tendo a liberdade tão à mão” (MONTAIGNE, 2006, p.30). Em concordância com isso Sêneca afirma que “é preferível o suicídio mais imundo à mais higiênica servidão” (SÊNECA, 2021, p. 269),

os autores parecem estar de acordo que o suicídio é preferível a viver uma vida de servidão, a morte autoimposta é encarada como sinônimo de liberdade.

Sêneca defende que “nenhuma meditação é tão imprescindível como a meditação da morte” (SÊNECA, 2021, p. 268) e Montaigne no ensaio 20 do livro I diz que “a premeditação da morte é a premeditação da liberdade. Quem aprendeu a morrer desaprendeu de servir” (MONTAIGNE, 2000, p. 128). A morte é sinônimo de libertação, enquanto viver uma vida que não seja digna é o mesmo que a aceitar um tipo de servidão voluntária. Voluntária, porque ambos os autores estão de acordo com a ideia de que a vida não prende ninguém, quem verdadeiramente deseja se matar encontrará um jeito de cometer o ato, e o suicídio mais imundo é preferível a viver sendo escravo de uma vida que não é digna de ser vivida. O que realmente importa “é a qualidade, não a duração da nossa vida; e, frequentemente, para viver bem, até é preferível não viver muito tempo” (SÊNECA, 2021, p. 558), ou seja, quantidade não significa qualidade, uma vida curta e bem vivida vale mais que uma vida longa, indecente e cercada de sofrimentos. Filosofar é aprender a morrer, porque por meio do hábito de pensar na morte é possível nos fortificarmos e saber morrer é aprender a se libertar de toda sujeição e imposição.

Por mais, no entanto, que no livro I Montaigne esteja de acordo com Sêneca, é evidente sua mudança de pensamento se compararmos com os escritos do livro III. No ensaio 4 do livro III intitulado “Da diversão”, Montaigne começa a sugerir que o ser humano é responsável pelo próprio sofrimento e nessa perspectiva pensar excessivamente sobre a morte poderia ser considerado um mal que perturba os ânimos. Isso se confirma no ensaio 12 do livro III chamado “Da fisionomia” que diz “é certeza que para a maioria a preparação para a morte causou mais tormento do que o fez seu sofrimento” (MONTAIGNE, 2009, p. 400). Nesse sentido, ele defende que não faz sentido prever todas as provações da natureza e nos prepararmos tanto para a morte, pois na verdade ao fazer isso o ser humano apenas se prepara para o que são os preparativos da morte, já que a morte propriamente dita o ser humano não sabe o que é.

Filosofar não parece ser mais aprender a morrer, pois “se não soubermos viver, é injustiça ensinar-nos a morrer e dar ao fim uma forma diferente do todo. Se soubermos viver com firmeza e serenidade, saberemos morrer do mesmo modo” (MONTAIGNE, 2009, p. 402). Sendo assim, a natureza ensina o homem a pensar na morte apenas quando estiver morrendo, o ser humano não deveria se perturbar com a sua morte antes da hora da partida. O tão adorado Sêneca do livro I é combatido no livro III quando afirma:

Ao ver os esforços que Sêneca empenha para preparar-se contra a morte, ao vê-lo suar de afã para enrijecer-se para adquirir segurança e debater-se tão longamente naquele poleiro, eu teria desacreditado de sua reputação, se ele não tivesse defendido tão valentemente ao morrer. Sua agitação tão ardente, tão frequente, mostra que ele próprio era arrebatado e impetuoso. (MONTAIGNE, 2009, p. 383).

Em seguida, dando continuidade à análise do ensaio 3 do livro II, Montaigne continua a argumentação demonstrando certa consideração pela morte voluntária e afirma que o ser humano possui a chave para a libertação dos males que lhes foram impostos por meio do suicídio. A morte autoimposta apresenta-se mais vantajosa quando a vida impõe um estado em que viver torna-se pior do que encarar a própria morte, pois “é fraqueza ceder aos males; mas é loucura alimentá-los” (MONTAIGNE, 2006, p. 31). Se a vida é dura demais e os sofrimentos se tornam insuportáveis, não existem motivos para queixas sobre sua condição, pois a morte é a chave para a libertação de todo mal.

É como se diz, que o sábio vive tanto quanto pode; e que o presente mais benéfico que a natureza nos deu, e que nos tira toda razão de queixar-nos de nossa condição, é ter nos deixado a chave para a libertação. Ela estabeleceu apenas uma entrada para a vida, e cem mil saídas. (MONTAIGNE, 2006, p. 30).

Em contrapartida, a libertação que Schopenhauer atribui à morte, diz respeito à restituição do erro de ter nascido, pois “a morte é a grande oportunidade de não ser mais eu: ditoso seria quem aproveita.” (SCHOPENHAUER, 2015, p. 606). A morte se revela como correção, por meio dela o indivíduo é liberto das amarras de uma individualidade que não é importante, pois o que realmente importa é o núcleo do

seu verdadeiro ser, que é a única coisa que pode ser atingida pela morte. A morte é considerada a grande correção que a vontade de vida, e o egoísmo essencial a esta, recebem durante o curso da natureza, morte que pode ser concebida como uma punição para nossa existência, “é o desatar doloroso do nó que a procriação amarrou com volúpia e é a destruição violenta, vinda de fora, do erro fundamental do nosso ser, é a grande desilusão.” (SCHOPENHAUER, 2015, p. 605). Todo ser humano consiste em algo que não deveria ser, por isso, cessa de ser através da morte.

O argumento usado por Montaigne de que não devemos nos queixar da nossa condição, pois temos a chave para nossa própria libertação por meio do suicídio é encontrado de maneira muito semelhante na seguinte passagem de Sêneca:

Aqui está o único ponto em que não podemos queixar-nos da vida: ela não retém ninguém! A condição humana assenta numa base excelente: ninguém é desgraçado senão por sua própria culpa. A vida agrada-te? Então vive! Não te agrada? És livre de regressar ao lugar donde vieste! (SÊNECA, 2021, p. 267).

A meu ver, é inegável a influência de Sêneca na argumentação de Montaigne, isso se confirma com o próprio Montaigne citando uma passagem de Sêneca na sequência de sua argumentação logo na segunda página do ensaio, no entanto, é discutível que em determinados momentos Montaigne não cite adequadamente Sêneca ao longo de sua exposição. Para além desse detalhe técnico, o que nos interessa é a compreensão dos argumentos expostos em favor do suicídio como uma libertação dos males que a existência impõe ao ser humano dos quais ele não está mais disposto a suportar.

### **A admiração filosófica pelo suicídio**

Montaigne continua atribuindo elogios à morte, visto que encara a morte como uma receita para a solução de todos os males. O autor enfatiza que por mais que o homem busque seu fim, ou mesmo que aceite e aguarde ansiosamente a chegada da morte, esse fim é sempre seu, ninguém pode lhe arrancar isso, sendo assim a morte autoimposta é encarada como a mais encantadora, pois “a vida depende da vontade de outrem; a morte, da nossa” (MONTAIGNE, 2006, p. 31). De acordo com a ideia de

autonomia do ser humano em pôr fim aos seus sofrimentos miseráveis, Montaigne afirma que “Deus nos concede permissão suficiente quando nos coloca em tal estado que viver nos seja pior que morrer” (MONTAIGNE, 2006, p. 31), no entanto, me pergunto de onde Montaigne retira essa suposta permissão que Deus nos concede, levando em consideração o catolicismo a qual Montaigne era devoto que prega que o homem não tem direito de decidir quando ele mesmo deve morrer, porque essa decisão é de quem colocou-o no mundo, no caso, Deus. Mas é claro que Montaigne não deixou esse ponto passar despercebido, pois a seguir o autor relata que essa ideia não é aceita sem contraposição,

[...] pois muitos sustentam que não podemos abandonar essa guarnição do mundo sem a ordem expressa daquele que nos pôs nela; e que cabe a Deus, que nos enviou aqui não somente por nós mas por sua glória e para servir aos outros, dar-nos dispensa quando lhe aprouver, e não a nós tomá-la; que não nascemos para nós, mas também para nosso país; as leis pedem-nos conta de nós em seu próprio interesse, e movem ação de homicídio contra nós, além disso, como desertores de nosso posto, somos punidos tanto nesse como no outro mundo. (MONTAIGNE, 2006, p. 32).

30

Montaigne faz alusão à punição do suicídio que é feita tanto pelas leis, quanto por Deus após nossa morte. Esse assunto foi abordado no ensaio “Da crueldade”, levando em conta os meios para a punição, Montaigne aconselha que um bom exemplo de rigor para manter o povo no dever é exercer contra os cadáveres dos criminosos as punições, e não contra os copos vivos, pois vê-los serem queimados e esquartejados tocaria o vulgo quase tanto quanto se atentassem contra os vivos, portanto a crueldade é menor. Esse método de atentar contra o corpo morto como forma de punição é bem conhecido na história, principalmente no que se refere aos casos de suicídio, porquanto, um dos meios de punição para quem se matasse seriam os atentados contra seu cadáver, com o objetivo de desestimular o potencial suicida a cometer o ato. No ensaio “Da crueldade” Montaigne não se refere especificamente ao suicídio, mas sim à punição atribuída ao corpo morto dos criminosos como meio de evitar a crueldade aos vivos.

Montaigne se afasta de Schopenhauer ao sugerir a punição ao corpo morto, o que para Schopenhauer seria completamente ridículo, mas parece se aproximar dele ao propor a morte como uma libertação. Por mais que Montaigne faça alusão à punição das leis jurídicas e divinas, penso que seu olhar nos conduz a encarar o suicídio como uma libertação que não deveria ser punida. Parece razoável imaginar que diante de um sofrimento inimaginável, Deus nos conceda permissão suficiente para a morte voluntária, pois “é fraqueza ceder aos males; mas é loucura alimentá-los” (MONTAIGNE, 2006, p. 31) e “viver só para suportar a dor é pura estupidez!” (SÊNECA, 2021, p. 209). Ao encontro dessa ideia de que a punição da morte voluntária é inadequada, Chamfort diz o seguinte em uma belíssima máxima,

[...] os reis e padres, ao proibirem a doutrina do suicídio, quiseram assegurar a continuidade da nossa escravidão. Eles querem nos manter trancados num cubículo sem saída; da mesma forma que fez aquele facínora no livro de Dante, que murou a porta da prisão na qual estava encarcerado o infeliz Ugolino. (CHAMFORT, 2007, p. 62).

31

Chamfort parece estar de acordo tanto com Sêneca, quanto com Montaigne, na ideia de que viver sem ter direito de colocar fim em sua própria existência significa ser escravo da sua vida. Não ter direito ao suicídio significa ser servo de uma existência que lhe foi imposta e que ninguém nunca desejou. Ninguém solicita a sua vinda ao mundo, mas deveria ter o direito de solicitar a sua partida, ao negar esse direito, nega-se ao ser humano a sua liberdade individual de pôr fim aos seus próprios sofrimentos.

A seguir, Montaigne relata que Platão ordena sepultura ignominiosa para aquele que se suicidar por covardia e fraqueza. Aparentemente, Montaigne está de acordo com a ideia de que desdenhar da nossa própria vida seja ridículo, não parece ser esse um motivo razoável para a morte voluntária, tendo em vista que o ódio que o ser humano sente sobre si mesmo é um vício exclusivamente humano que não é observado em outras criaturas. Sendo assim,

[...] as coisas que tiverem um ser mais nobre e mais rico podem criticar o nosso; mas é contra a natureza que nós mesmos nos

desprezemos e nos desconsideremos; odiar a si mesmo e desdenhar-se é uma doença particular e que não se vê em nenhuma outra criatura. É por uma puerilidade semelhante que desejamos ser uma coisa diferente do que somos. O fruto de um tal desejo não nos atinge, pois ele se contradiz e se enreda em si mesmo. (MONTAIGNE, 2006, p. 35).

Aparentemente “o fruto do desejo de ser uma coisa diferente do que somos não nos atinge”, tal sentença parece estar de acordo com o pensamento de Schopenhauer no que tange a possibilidade de um ser humano desejar ser diferente do que realmente é, o que nos leva ao problema sobre a diferença crucial entre arrependimento e remorso. O ser humano pode se *arrepender* apenas de ações que são possíveis de serem alteradas, o *remorso* diz respeito ao sentimento de não poder mudar suas ações e quem você realmente é. Tendo isso em mente, o ser humano não é capaz de se arrepender verdadeiramente de quem ele é, apenas é capaz de sentir remorso por isso. Montaigne parece estar de acordo com isso quando diz que é uma puerilidade desejar ser uma coisa diferente do que somos, pois isso se contradiz com a nossa própria natureza.

32

### **Compaixão seletiva**

Montaigne continua sua argumentação analisando quais ocasiões seriam suficientemente adequadas para fazer um homem adotar o partido de matar a si mesmo. Por mais favorável que a argumentação inicial do ensaio possa parecer, logo em seguida o autor destaca que “nem todos os males valem que se queira morrer para evitá-los” (MONTAIGNE, 2006, p. 36), isto é, a morte voluntária justificada por causas levianas não parece condizer com uma ocasião razoável para justificar o suicídio. Para defender esse ponto Montaigne cita novamente Sêneca, que afirma ser possível acontecer qualquer coisa ao homem que vive, mas a sorte nada pode contra aquele que sabe morrer. Em seguida, relata o caso de Josefo que envolvido por um perigo tão evidente e tão próximo cogita o suicídio e opta por manter as esperanças, no fim excedendo qualquer entendimento humano, a sorte lhe sorriu e o livrou

daquele infortúnio, se Josefo tivesse se matado para se livrar do perigo iminente, teria sido uma morte vã.

Mas Cassio e Bruto, ao contrário, acabaram de aniquilar os restos da liberdade romana da qual eram protetores, pela precipitação e temeridade com que se mataram antes do tempo e da ocasião. Já vi cem lebres escaparem sob os dentes dos galgos. (MONTAIGNE, 2006, p. 37).

Cassio e Bruto são exemplos de suicídios por motivos volúveis, se tivessem persistido em suportar os infortúnios teriam sobrevivido, o que torna suas mortes levianas. Conforme Montaigne, Plínio diz que existem apenas três espécies de doença que para evitá-las temos direito de pôr fim a nossa existência, sendo a mais penosa delas a pedra na bexiga quando a urina fica retida, seguida da dor no estômago e da dor de cabeça, mas para Sêneca somente aquelas capazes de abalar por um longo tempo as funções da alma justificam o suicídio.

Montaigne segue relatando uma infinidade de exemplos que preenchem as páginas finais do ensaio, dentre eles, muitos evidenciam mortes voluntárias para se libertar de uma possível servidão. Um exemplo que chama atenção é o que o autor afirma ser a violência contra a consciência que mais se deve evitar, em sua opinião, que é sobre a castidade das mulheres. Montaigne sugere em sua argumentação que as mulheres que se matam após serem estupradas, fazem isso em parte por culpa de terem gostado da violência ou ainda que preferem se matar antes de serem estupradas porque talvez sua resistência esteja mesclada com alguma vontade reprimida. Disso se segue,

[...] talvez nos séculos por vir seja honroso para nós que um sábio autor desta época, e sobretudo parisiense, se dê ao trabalho de persuadir as mulheres de nosso século a preferir tomar qualquer outro partido em vez de adotar o horrível projeto de tal desespero. Aborreço-me que ele não tenha sabido, para acrescentar às suas histórias, da tirada que me contaram em Toulouse, de uma mulher que passara pelas mãos de alguns soldados: “Deus seja louvado, dizia ela, que pelo menos uma vez na vida eu me fartei sem pecado!”. (MONTAIGNE, 2006, p. 40).

Por mais infeliz que seja seu comentário sobre as mulheres, o que demonstra uma enorme falta de empatia sobre o abuso que sofreram, por toda história, tendo que aceitar esse destino cruel e se calar tendo seus direitos usurpados, devemos lembrar que Montaigne é um homem de seu tempo, seria tão inadequado condená-lo como machista quanto chamá-lo de negacionista por não acreditar nos médicos de sua época. O que nos interessa no ensaio é a análise de que o suicídio motivado pelo estupro, assim como no caso da morte voluntária de Cássio e Bruto, são suicídios que não apresentam motivos razoáveis para Montaigne, ou seja, não condizem com a sua admiração filosófica inspirada pela morte voluntária

Montaigne continua citando diversos exemplos que dizem respeito à história de pessoas que, de mil maneiras, trocaram pela morte uma vida penosa, com a finalidade de evidenciar o quanto é impróprio chamarmos de desespero a destruição voluntária à qual somos levados por meio da esperança e por uma tranquila e ponderada inclinação de julgamento. A meu ver, é estranho Montaigne demonstrar tanta compaixão por quem prefere a morte a uma vida penosa, enquanto afirma que no caso do estupro a mulher deva “preferir tomar qualquer outro partido em vez de adotar o horrível projeto de tal desespero” (MONTAIGNE, 2006, 40). Logo, sua compaixão é seletiva, Montaigne sugere que existem boas razões para se matar, quem opta por elas é digno de compaixão e até mesmo admiração, mas os suicidas que não se enquadram em suas motivações razoáveis podem ser condenados como tolos desesperados.

É impossível falar sobre compaixão por aqueles que se suicidam e não lembrar das belíssimas palavras de Schopenhauer,

[...] antes de tudo, deixemos o sentimento moral decidir e comparemos a impressão que exerce sobre nós a notícia de um crime cometido por algum conhecido nosso, seja um homicídio, uma crueldade, uma fraude ou um roubo com a notícia de sua morte voluntária. Enquanto, a primeira causa viva indignação, extremo mau humor e clamor por punição ou vingança, a última provoca antes a tristeza e a compaixão, às quais se acrescenta ainda mais frequentemente uma certa admiração por sua coragem, que a desaprovação moral que acompanha uma má ação. Quem não tem

conhecidos, amigos e parentes que voluntariamente partiram do mundo? E deve-se pensar com horror neles, como criminosos? *Nego ac pernego!* Eu sou antes da opinião de que se deve exigir do clero, de uma vez por todas, explicar com que direito ele, sem apresentar qualquer argumento filosófico convincente, do púlpito e em escritos, estigmatiza como crime uma ação cometida por muitas pessoas amadas e honradas por nós e recusa o enterro digno para aqueles que voluntariamente partem do mundo. Mas aqui deve-se assinalar que se exigem razões, e que não serão aceitas frases vazias e injúrias. – Se a justiça criminal condena o suicídio, isto não constitui nenhum argumento eclesiástico válido e além disso é definitivamente ridículo: pois qual castigo pode assustar aquele que busca a morte? – Quando se pune a tentativa de suicídio, é a inabilidade que a fez falhar que se pune. (SCHOPENHAUER, 2012, p. 166).

Conforme Schopenhauer, o suicídio impede a realização do maior objetivo moral, que é a negação da vontade de vida. No entanto, Schopenhauer não condena o suicídio, e demonstra compaixão pelas nobres almas que são levadas a cometer suicídio regidas por um motivo excepcionalmente forte. Dessa maneira, o suicídio se afasta do maior objetivo moral pela incapacidade de perceber, ao se deparar com a cura por meio do sofrimento, a possibilidade de negação da vontade, pois confunde o fenômeno com a coisa em si baseado em uma incompreensão de si mesmo e dos fenômenos do mundo, e assim acredita pôr fim em seus sofrimentos. Schopenhauer acredita que o suicídio do asceta seria mais justificável do que o suicídio comum, pois o ascetismo vai ao encontro do maior objetivo moral que é a negação da vontade. Assim como Montaigne, ele pensa sobre o que seria um motivo razoável para o suicídio, o suicídio comum é qualificado como inútil e tolo simplesmente porque o sujeito confunde o fenômeno com a coisa em si e dessa maneira não atinge o maior objetivo moral que apenas é alcançado no caso do asceta. No entanto, diferentemente de Montaigne, Schopenhauer não categoriza a motivação do suicídio comum como mais desesperada ou mais digna de admiração, ele enfatiza que o que leva o suicida a atentar contra sua vida é um motivo excepcionalmente forte, mas não emite julgamento moral acerca desse motivo.

O ponto mais importante para a decisão de optar pelo suicídio consiste na existência de um motivo excepcionalmente forte que seja capaz de sobrepor-se à

vontade de viver e ao medo da morte. Portanto, para que um indivíduo opte pelo suicídio, não basta apenas possuir um objeto mortífero em mãos ou até mesmo estar à beira de um precipício, mas é necessário um motivo capaz de encorajá-lo a abrir mãos de sua existência.

De maneira igualmente equivocada, alguns pensam, ao segurar em suas mãos uma pistola carregada, que poderiam com ela atirar em si mesmos. Para isso, aquele meio mecânico de execução é o de menos; o ponto principal contudo, é um motivo extremamente forte e, daí, raro, que possui uma enorme força, necessária para sobrepor à vontade de viver ou, mais corretamente, ao medo da morte. Apenas depois de algo assim entrar em cena é que aquela pessoa pode atirar em si mesma, e então tem de fazê-lo. A não ser que um contramotivo ainda mais forte, se é que algo assim é possível, impeça o ato. (Schopenhauer, 2021, p. 75).

O suicídio dificilmente é causado somente por ocasião externa, mas, segundo Schopenhauer, no seu fundamento reside uma certa moléstia corporal. Dessa forma, conforme for o grau de moléstia corporal, maior ou menor será o grau da ocasião externa exigida para cometer o ato de atentar contra a própria vida, “por conseguinte, infelicidade alguma é tão grande que leve alguém ao suicídio, e nem tão pequena que já não tenha levado alguém a cometê-lo” (SCHOPENHAUER, 2015, p. 480).

## **Conclusão**

Enquanto Schopenhauer busca refletir o que leva as pessoas a cometerem suicídio e justificar por que o suicídio se contrapõe ao maior objetivo moral, Montaigne se ocupa em refletir e analisar argumentos a favor e contra o suicídio, em determinados casos expressa uma certa admiração filosófica inspirada pela morte voluntária, ao mesmo tempo sugere que existem casos em que motivações levianas resultam em mortes vãs. Montaigne finaliza o ensaio discordando de Plínio, pois uma dor insuportável e uma morte pior parecem mais desculpáveis do que lançar-se ao mar depois de se banquetear, possuindo uma idade muito avançada e estando

fartos da vida, o que confirma sua postura condenatória diante de suicídios praticados por motivos volúveis.

Diante disso, é relevante a ambiguidade presente em Montaigne que defende o suicídio em determinados casos, enquanto não categoriza como justificável em outros. No entanto, é importante para uma melhor compreensão de sua filosofia levar em consideração não apenas a análise isolada do ensaio que se propõe o presente texto, mas sim sua obra integralmente considerada, tendo em mente, por exemplo, a importância que Montaigne atribui ao auto pertencimento no ensaio “Da solidão” no livro I.

Ainda que Montaigne não concorde com a morte voluntária por motivações levianas, penso que o autor é um defensor da liberdade individual de cometer suicídio, principalmente por sua notável sensibilidade com quem julga que sua existência não vale mais a pena diante de condições insuportáveis, como no caso da servidão. A morte não é vista somente como um mal, como algo prejudicial que deve ser temido a todo custo, pois o indivíduo atormentado pode encontrar nela a libertação de todos os seus males.

37

## Referências

CAMUS, Albert. *O Mito de Sísifo*. Trad. Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record, 2019.

CHAMFORT. *Máximas e Pensamentos*. Trad. Cláudio Figueiredo. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

MONTAIGNE, Michel de. *Essais I*. Paris: Gallimard, 2009.

MONTAIGNE, Michel de. *Essais II*. Paris: Gallimard, 2009.

MONTAIGNE, Michel de. *Essais III*. Paris: Gallimard, 2009.

MONTAIGNE, Michel de. *Os Ensaio*s Vol. I. Trad Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MONTAIGNE, Michel de. *Os Ensaio*s Vol. II. Trad. Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MONTAIGNE, Michel de. *Os Ensaíos* Vol. III. Trad. Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo II. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Unesp, 2015.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a ética*. Trad. Flamarion C. Ramos. São Paulo: Hedra, 2012.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a liberdade da vontade*. Trad. Lucas Lazarini Valente e Eli Vagner Francisco Rodrigues. São Paulo: Unesp, 2021.

SÊNECA, Lúcio Aneu. *Cartas a Lucílio*. Trad. J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2021.

SÊNECA, Lúcio Aneu. *Tratado sobre a clemência*. Trad. Ingeborg Braren. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

VAUVENARGUES. *Das leis do Espírito*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Submissão: 01. 05. 2023 / Aceite: 30. 05. 2023